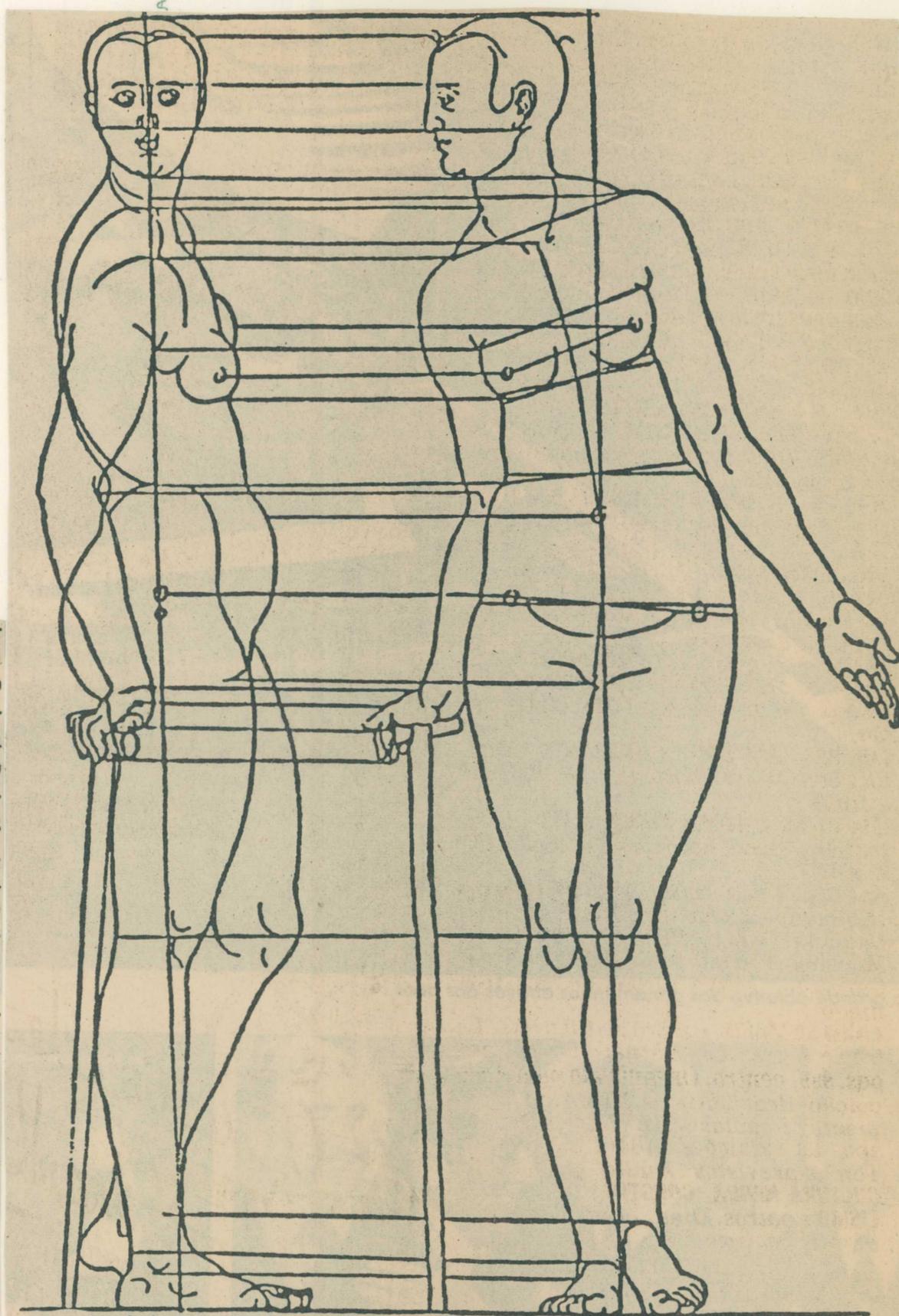


834
Hy 1067020
(113)

É neste ambiente que florescem histórias como a de Felipa de Sousa, nascida em Tavira, no Algarve, e residente em Salvador, que recebe a visita de um ministro do Santo Ofício quando tinha 35 anos. Um dos 29 processos contra mulheres levantados por Lígia na Torre do Tombo, Lisboa. Felipa era casada com um pedreiro, mas por conta do amor que nutriu por seis mulheres foi açoitada publicamente e degredada para sempre. "O que estes registros deixam entrever são mulheres empenhadas em realizar anseios ou exigências de sua vida, cada um sugerindo uma história bastante singular", diz a pesquisadora. Surge a inevitável questão se a vida destas senhoras deve ou não ser tratada, hoje, como fatos de uma história da homossexualidade. Lígia acha esta classificação perigosa. Os parâmetros da moral na Colônia eram outros. Os desvios de comportamento ainda não formavam categorias médicas e



A imagem da mulher concebida pelo Tratado das proporções do corpo humano, um compêndio de 1528

psicológicas. "O indivíduo era julgado pelo que fazia: os motivos das punições eram atos específicos, cuja efetivação devia ser comprovada." Não se era sodomita, apenas se praticava a sodomia.

Só no final do século 17, quando o clérigo italiano Luigi-Maria Sinistrari escreveu o tratado *De sodomia*, é que se instaura uma teologia moral. Até

ali, as autoridades da Colônia não sabiam como classificar os atos impuros, especialmente os praticados por mulheres, que eram encaradas como estranhas criaturas que tinham uma face de anjo, outra de monstro. Criaturas intermediárias entre o homem e o Diabo. Lascivas, tagarelas, imperfeitas, dominadas pela imaginação, ameaçadoras, as mulheres eram sublimes, mas

noturnas. O corpo feminino, então, parecia talhado pela estranheza e pela imprecisão. "O que se pode observar é que a mulher e seu corpo foram tratados como temas enigmáticos em vários momentos e textos fundamentais da História do Ocidente", conclui Lígia. "Que a ambigüidade foi o atributo que esteve permanentemente associado às mulheres." Esta era, também, a sua sorte: por conta desta imagem noturna, escapavam com mais freqüência das severidades da lei.

Mesmo quando eram julgadas por seus atos impuros, e em todo o Brasil Colônia apenas Felipa de Sousa foi de fato punida com rigor, seus crimes eram enquadrados em critérios inadequados e obscuros. Apesar disso, não faltam documentos que testemunhem a condição da mulher. Outra prova será fornecida, no final deste ano, pela pesquisadora Mary del Priore, da USP, que prepara uma tese de doutoramento sobre o imaginário feminino na Colônia. "Quero desmitificar a idéia de que restaram poucos documentos para testemunhar a condição da mulher no Brasil Colonial", resume. "Este é um argumento usado apenas por aqueles que não desejam ver a mulher como protagonista da História." Mary trabalha com dois arquétipos, formas incipientes, que enquadravam a mulher na Colônia. De um lado, a mulher branca de elite, reclusa entre as quatro paredes da casa, de outro, a mulher lasciva, quase sempre mulata e escrava. "Estas classificações servem apenas para ocultar a verdade. Nem toda negra era luxuriosa, e nem toda branca ficava em casa."

Mary avança um pouco mais em relação ao trabalho de Lígia. "Na Colônia, a mulher começa a ser domesticada não apenas pela Igreja, mas também pela medicina", entende. "A luxúria, por exemplo, passa a ser conceituada pela ciência como o resultado de vapores que sobem do ventre para a cabeça, enlouquecendo a mulher." Aí está: outra vez, mesmo no primitivo discurso médico, os prazeres das mulheres são associados ao descontrole e ao delírio. Sinais, portanto, de perigo. Havia também um choque muito freqüente entre as normas severas da Igreja e a realidade social. Muitas vezes, quem vencia era a realidade. O casamento em regime de concubinato, chamado **trato ilícito** ou **amizade ilícita**, embora vigiado com rigor pela moral, sobrevivia. A Igreja insistia em castigar as concubinas com punições que variavam do pagamento de pecúnia à excomunhão. A mulher estava espremida, portanto, entre a dureza da moral e as facilidades impostas pelos costumes. Tinha uma existência escorregadia, o que aumentava seus laços com a obscuridade.

A pesquisa de Mary foi produzida com base nos arquivos da Cúria Metropolitana de São Paulo e em obras raras da Biblioteca Nacional. Muitos outros pesquisadores estão hoje debruçados sobre estas histórias de sofrimento, culpa e punição, que servem de guia para que se possa entender um pouco mais a consciência moral do país. Não é à toa que a mulher seja escolhida como objeto privilegiado deste mergulho nas raízes da nação. A ela coube, de fato, arcar com a mais tenebrosa das escuridões.

Participou: Lina de Albuquerque

SBH
hp 106-fcl 20
(213)

ANEXO I AO PROTOCOLO N 18: CULTURAL

O Governo da República Federativa do Brasil
e
O Governo da República Argentina,

CONSIDERANDO

o disposto no Protocolo n 18 - Cultural,

DECIDEM:

1. Aprovar a Ata da Primeira Reunião do Grupo de Trabalho de Integração Cultural.

2. Selecionar as seguintes obras literárias para iniciar a publicação da "Coleção de Livros Brasil - Argentina", prevista no item 5 do mencionado Protocolo n 18:

a) pelo Brasil: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis; "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Hollanda e "Casa Grande & Senzala", de Gilberto Freyre;

b) pela Argentina: "Facundo" ou "Argirópolis", de Domingo Faustino Sarmiento, com prólogo de Gregório Weinberg; "Los Siete Locos" ou "El Juguete Rabioso", de Roberto Arlt, com estudo preliminar de Noé Jitrik, e "La Casa del Viento", de Héctor Tizón, com estudo preliminar de Josefina Delgado.

ROBERTO DE ABREU SODRE

DANTE CAPUTO

Diário Oficial da União, n. 82

3.5.88